



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**A CULTURA FESTIVA NO IMAGINÁRIO E NO DEVOCIONÁRIO RELIGIOSO DA  
JUVENTUDE DE SÃO DOMINGOS-SE (ANOS 90- SÉCULO XIX)**

**MARIANY SOUZA FRAGA**

São Cristóvão

Maio/2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**A CULTURA FESTIVA NO IMAGINÁRIO E NO DEVOCIONÁRIO RELIGIOSO DA  
JUVENTUDE DE SÃO DOMINGOS-SE (ANOS 90- SÉCULO XIX)**

**MARIANY SOUZA FRAGA**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Graduada em História.

Orientador: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão

Maio/2023

**Resumo:** A cultura festiva é um aspecto muito marcante na comunidade são dominguense. Com grande expectativa a população espera pelas duas principais festas da região: a festa de Santos Reis e a Festa do Padroeiro: São Domingos de Gusmão. Na década de noventa não era diferente, celebrar esses momentos era de grande satisfação e alegria, principalmente para os jovens que compunham aquele período. É justamente sobre o olhar desses jovens dos anos 90 que esse trabalho se dedicou a conhecer os aspectos mais marcantes desses eventos, sendo possível notar a riqueza cultural que eles representam para a cidade de São Domingos, que resguarda essa cultura até os dias atuais, sendo assim uma expressão da identidade do seu povo.

**Palavras-chave:** Festividades, jovens, São Domingos.

**Abstract:** Festive culture is a very striking aspect in the São Domingos community. With great expectations, the population awaits the two main festivals in the region: the feast of Santos Reis and the feast of the patron saint: São Domingos de Gusmão. In the nineties it was no different, celebrating these moments was of great satisfaction and joy, especially for the young people who made up that period. It is precisely from the point of view of these young people in the 1990s that this work was dedicated to knowing the most striking aspects of these events, making it possible to notice the cultural richness that they represent for the city of São Domingos, which preserves this culture until the present day, being thus an expression of the identity of its people.

**Keywords:** Festivities, youth, São Domingos.

## APRESENTAÇÃO

São Domingos é uma cidade interiorana localizada na Mesorregião do Agreste Sergipano, estando a 76 km da capital sergipana, Aracaju. Tendo 59 anos de emancipação política – desde 1963- é uma cidade consideravelmente nova. Mas foi a partir de 1924 que foi dado início aos caminhos que levariam ao desenvolvimento da cidade: a formação de uma Vila para atender as necessidades básicas dos habitantes da região, pois a cidade de dependência<sup>1</sup> ficava a 12 km de distância. Essa brilhante iniciativa, tomada por José Curvelo da Conceição, habitante da região, foi o passo inicial para o processo de formação da cidade, que foi se desenvolvendo economicamente através da plantação da mandioca e da produção da farinha de mandioca, sendo um dos principais meios econômicos até os dias atuais.

É dentro desse ambiente que se concentrou o objeto de estudo para a elaboração desse trabalho, que com muito esforço e dedicação, voltou-se ao conhecimento sobre a cultura festiva dessa região, buscando resgatar a memória daqueles que, quando jovens, vivenciaram as principais festas cidade nos anos 90: festa de reis, festa do padroeiro.

O entusiasmo para com essa temática desabrochou ainda em rodas de conversas, quando ouvindo relatos empolgantes dos meus pais, parentes e amigos, pensei em buscar, de maneira aprofundada, um conhecimento maior sobre aqueles eventos. Aquelas conversas de assuntos sobre as diversões, as músicas, as danças e as paqueras, me fez notar o quanto essas vivências estão guardadas em suas lembranças de maneira especial. Com isso, foi alimentado o desejo de fazer o resgate da memória desses, para que essas histórias não ficassem limitadas as rodas de conversas, mas que estejam salvaguardadas dos riscos do esquecimento, reconhecendo que “*A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade*” (Alberti, 2005, p. 167).

O trabalho aqui construído tem a intenção dar acesso a população São Dominguesa, o conhecimento sobre aspectos histórico cultural da sua cidade. Buscando contribuir para que os moradores reconheçam a importância das tradições festivas da região e passem a olha-las como um bem cultural, visto que “*cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação*” (SANTOS, 1949, p. 24).

---

<sup>1</sup> O então povoado São Domingos esteve vinculado ao município de Campo do Brito, estando elevado à categoria de município emancipado em 21/10/1963, pela lei estadual nº1213.

Esse trabalho esteve voltado ao conhecimento da temática a partir da história cultural, que partindo dos estudos realizados pelo historiador inglês Peter Burke, esteve dividida em quatro fases: História “clássica”, a fase da “história social da arte”, “história da cultura popular” e “nova história cultural”. Esse mesmo autor, ao relatar sobre as narrativas da história cultural define que *“a narrativa retornou, junto com uma preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas e seus mundos”* (BURKER, 1937, P. 158). É justamente essa preocupação colocada no desenvolvimento desse estudo, que propõe a dar voz ao então grupo jovem dos anos 90, do século passado. Para que, a partir de suas narrativas, fosse possível ter um panorama de como eram a cultura festiva de São Domingos, indo do sagrado ao profano.

Para isso, foram realizadas uma série de entrevistas com membros da população São Dominguesa, que tinha entre a faixa-etária de 15 a 30 anos na década de noventa. Esses contribuíram com a memória de suas vivências festivas durante o período estudado. Além do recurso da entrevista, a pesquisa também se apoiou em uma série de revisões bibliográficas, principalmente na obra independente “Curiosidades no nosso povo: São Domingos até 1999” publicada no ano de 1999 por um “filho da terra” de São Domingos, de nome Humberto Fonseca. Outras fontes utilizadas nesse trabalho foram: livro de tombo da paróquia de Nossa Senhora da Boa hora, acervo fotográfico pessoal e vídeo da procissão de 1992. Com esses recursos foi possível desenvolver o estudo sobre as festividades dessa região, com o recorte temporal da década de 90, que serão descritos a partir de então.

### **1.1- CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: FESTA DE SANTOS REIS.**

O conceito de cultura passa por um sentido amplo de significados, podendo estar relacionada a produções artísticas, a uma gama de conhecimentos, a modos de vida, a religiões e às expressões de um povo. Este significado é o que melhor se encaixa no trabalho em questão, que parte de uma perspectiva de cultura voltada para:

Um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida. (GEERTZ, 1926, P. 52).

A tradução desse conceito está voltada a compreender o aspecto da cultura festiva da cidade de São Domingos, em específico, nesse capítulo, a tradicional Festa de Reis, que teve início no ano de 1926, quando a região ainda era uma vila em formação, conhecida “como Feira da Pindoba”. A festa permanece sendo celebrada anualmente até os dias atuais, tornando-se, portanto, uma herança cultural. É justamente na questão da história cultural que abordaremos a pesquisa, voltando o olhar para cultura popular, a qual buscaremos entender a partir de então.

A vila que levou à formação da cidade de São Domingos, teve início ainda em 1924, quando por iniciativa do Sr. José Curvelo da Conceição, residente no povoado da Tapera – até então pertencente a Campo do Brito – foi dado os primeiros passos para a criação da vila<sup>2</sup>. As motivações que levaram a essa ação foi o objetivo de fundar um ponto de fornecimento para a população da redondeza, que dependia da cidade de Campo do Brito para as dependências básicas.

Com isso surgiram as primeiras casas da vila, construídas por José Curvelo e José Brasilio, residente da região onde hoje se localiza o povoado mulungu. As primeiras empreitas tiveram início onde hoje se localiza a Rua Presidente Costa e Silva<sup>3</sup>, ficando nas mediações do mercado municipal. Por um tempo, por falta de motivação dos moradores circunvizinhos, o desenvolvimento da vila ficou estagnado, pois apesar de haver muito entusiasmo e esperança de progresso vinda de alguns, ainda a descrença era grande entre a comunidade, visto aos grandes desafios a enfrentar. Até que em 1925 o senhor Curvelo recebeu motivações do comerciante da cidade de dependência, o senhor Sr. José Ribeiro Andrade, para criar uma feira da região. Ao acatar essa decisão, foi possível ver o desenvolvimento da vila, pois foi despertado maior interesse na comunidade para povoar aquela região. As mercadorias da feira eram vendidas debaixo de palhoças cobertas de galhos de pindoba, fato que deu nome à feira e posteriormente a região, conhecida inicialmente como “Feira da Pindoba”, o autor do trabalho “De encruzilhada a município: a origem, o crescimento e a história de São Domingos, Sergipe” descreve esse desenvolvimento:

---

2 Vila é um aglomerado populacional de tamanho superior a uma aldeia, com alguns comércios, serviços e alguma economia de autossuficiência.

3 No início do século 20, os municípios que hoje formam a região agreste do estado tinham suas extensões limitadas a medidas empíricas. Aqui onde jaz a cidade de São Domingos existia apenas uma estrada que ligava a cidade de Itabaiana à Simão Dias, por onde na época os mercadores transportavam a cavalo produtos que abasteceriam o comércio entre esses polos. Foi dessa forma que surgiu às margens da estrada de chão batido algumas casas bem simples e distantes que podiam servir de abrigo ou de suporte aos passageiros. (JESUS, Giclecio Souza De, 2021, p. 3).

A feira na recém-criada vila, foi o estímulo que faltava para conseguir a adesão dos populares. No local onde ela ocorria foi aberto espaço entre a vegetação, os únicos que restaram de pé foram os cajueiros. Palhoças com galhos de pindoba foram montadas e com o tempo a “feira da pindoba” foi se popularizando e ganhando cada vez mais comerciantes. Cada Nova Palhoça, uma nova casa de Taipa também era construída para o comerciante que se instalava na vila e fazia daquela construção, seu ponto comercial ((JESUS, Giclecio Souza De, 2021, p. 4).

Outro fato curioso, narrado na obra “Curiosidades no nosso povo: São Domingos até 1999”, foi a motivação de construção da vila a partir de uma ameaça feita por cavaleiros, a mando do Barão de Simão Dias, que dizia ter posse daquelas terras marcada em escritura. Diante da ameaça, foi preciso que o até então prefeito da cidade de Campo do Brito, Arnóbio Batista de Souza, recorresse ao presidente da província<sup>4</sup> Dr. Maurício Gracho Cardoso. Segundo a narrativa descrita pelo autor Humberto Fonseca, a ordem seria que fossem feitas *“cinquenta casas feitas de taipa com porta e uma janela na frente e coberta de telhas”*. Partindo dessa ordem, a comunidade local uniu-se em mutirão para as construções das casas<sup>5</sup>. É justamente nesse contexto de mobilização social ocorre uma noite festiva em um dos sábados do mês de janeiro de 1926, em que o autor descreve da seguinte maneira:

Em janeiro de 1926 realizou-se a primeira festa de final de ano, que na realidade acontece no início do ano, como a atual festa, só não sabemos se estamos comemorando o natal, a passagem de ano ou Santos Reis, que em todo o país é comemorado no mês de janeiro. (FONSECA, 1999, P. 21).

Segundo estudos sobre a tradição da Festa de Reis no Brasil, há uma classificação desta como de “caráter profano-religioso e faz parte do ciclo natalino, realizado de 24 de dezembro a 6 de janeiro” (PERGO, 1976, P. 1). Ainda em outro momento, no capítulo denominado “festas” o autor retorna a falar da sobre a temática, agora ele relatando que “A Feira da Pindoba teve a sua primeira festa no mês de janeiro de 1926. Uma tradição cultivada até os dias de hoje” (FONSECA, 1999, p. 27). Sabe-se que a única tradição festiva cultivada no mês de janeiro, até os dias atuais, na cidade de São Domingos, é a Festa de Santos Reis. Ademais, em entrevista concedida pelo próprio autor, o senhor Humberto Santos Fonseca descreve:

---

<sup>4</sup> O cargo de presidente de província foi criado em 1823 para substituir as Juntas Provisórias de Governo. Esse cumpria o papel na esfera administrativa da província, que passa a ser denominada “Estado” a partir do período republicano.

<sup>5</sup> Eram casas estreitas, que tinham cerca de 2,5 metros de largura e no mínimo 3 de comprimento. Eles faziam a parede, as duas laterais e cobriam, colocando somente a janela e a porta da frente, dando a casa como pronta. Depois se alguém se interessasse em morar era só fazer a parede de trás e dividir a casa. Fonseca, 1999, P. 20)

(...) fizeram o roçado, no local onde hoje é o mercado, que foi onde foram feitas as primeiras casas, é... em 1926 a ideia de início era organizar a festa de janeiro. Entendeu? Aí eles começaram a fazer aquela festa no mês de janeiro, que toda vida foi tradicional aqui na comunidade, desde aqueles primeiros dias, primeiros anos, que sempre as comunidades como no povoado olhos d'água, de outros povoados mais próximos daqui sempre viam para essa festinha. (FONSECA, Auditor técnico Tributário).

Logo, é possível atribuir o ano de 1926 ao início dessa tradicional festa. Sendo está feita aos moldes do possível para época, isto é, sem luz elétrica, sem grandes estruturas, mas com muita diversão, dança, música e comilanças. Era o candeeiro que iluminava o local, ainda realizada nas proximidades da feira, assim era possível clarear as pequenas barracas, onde eram vendidos os doces, as bebidas e outras comidas tradicionais, como, pães, arroz-doce e arroz com galinha, garantindo a alegria da comunidade.

## **1.2- A FESTA DE SANTOS REIS SEGUNDO O IMAGINÁRIO JOVEM (1990-1999).**

Em seus estudos sobre a história cultural, Peter Burke observa uma renovação da narrativa histórica, onde surgem novas tendências para os estudos sociais e culturais. Dentro dessa nova fase busca-se abandonar a velha história positivista de ênfase excessiva sobre os grandes homens: líderes políticos e militares. Agora há uma preocupação maior com pessoas comuns e suas experiências. Em sua obra “A escrita da história: novas perspectivas”, ele aponta o autor Edward Thompson como pioneiro no que ele chama “história vista de baixo”, quando em 1966 ele publicou o artigo “The History from Below”, obra em que ele se dedica a estudar acontecimentos históricos a partir de experiências de pessoas comuns.

Estando dentro dessa perspectiva, o público de interesse dessa pesquisa está voltado para jovens dos anos 90, que nos dias atuais encontra-se com a faixa-etária de 43 a 63 anos. Então, é a partir da ótica desse grupo, de pessoas comuns que vivenciaram na prática esses eventos, que entenderemos os aspectos mais marcantes da festividade estudada. Para isso foi preciso colher relatos de vivências desses, recordados através de suas próprias fotografias, que é essencial para a localização espaço temporal do evento estudado, como é possível notas nos exemplos abaixo:



Figura 1- Foto de acervo pessoal cedida por Joilma de Jesus Batista.

Antes de conhecer os relatos desses participantes, é preciso entender o contexto da década de 90 na cidade de São Domingos, que foi palco de fervorosas disputas políticas. Nesse período, a cidade de São Domingos teve três líderes do poder executivo: José Fonseca Lima, Hélio Mecnas e José Cosme da Conceição Paixão (ANEXO III). Essas mudanças de lideranças são marcantes para o destino da Festa de Reis. Uma das decisões está para a localização do evento, por exemplo, no período entre 1889-1993 a festa era realizada na Praça Vereado José Barbosa Santos. Porém, é a partir de 1994, quando o governante Hélio Mecnas assume seu mandato, a festa passa a ser realizada na Praça José Mecnas Filho, permanecendo até o ano de 2012, quando retorna a localização inicial. O evento passa a ser realizado em três dias: Sexta-feira, sábado e domingo, mas se mantem a tradição de ser realizada nos meses de janeiro.

Eram dias de muito entretenimento na cidade, marcados por muitas danças, músicas, comidas, paqueras e brincadeiras. Isso ficou marcado na lembrança daquela juventude, que tiveram o prazer de viver esses momentos. A pessoa entrevistada descreve com muita empolgação essa fase feliz da sua vida:

Lembro-me dos parques que ficava nas praças da igreja, do algodão doce (sic), do... é... maçã de amor, cachorro quente, que a gente comíamos (sic) e ficava ali passeando, as pessoas levavam os filhos para passear, andar nos carrinhos, e... caminhando na festa. Era nossa diversão. E2, (51 a. Pedagoga).

É perceptível, na descrição da entrevistada, que havia muita simplicidade na festa, tendo como principal entretenimento: as comidas e os parques de diversões, que são lembrados com muita empolgação e carinho. O entrevistado 3 também cumpre o papel de descrever as lembranças que ficaram marcadas sobre aquele ambiente “*Tinham barracas de jogos, tinha*

*roleta de apostas, tinham parques de pequenos portes, tinha cachorro quente, maçã do amor, tinha pescaria*". Com esse depoimento é possível ter um panorama do local. Ainda em outro momento, o entrevistado 2 chega a relatar a humildade do evento: *"Não tinha a estrutura que tem hoje, tinha um palanquezinho, humilde, simples"*. Segundo os ouvidos, esses palanques recebiam nomes como Erivaldo de Carira, Aurelino "O bom do forró", hoje reconhecidos como nomes tradicionais da música Sergipana.

Dentro desse contexto, foi colhido diversos relatos traz uma dimensão de como era o comportamento da juventude São Dominguesa dos anos 90 naqueles eventos. Eles descrevem que procuravam as festas para namorar, paquerar, dançar. Isso está presente na fala do entrevistado 3, ao ser questionado sobre o que o deixava insatisfeito nos eventos, ele descreve: *"Quando eu não arrumava uma moça para dançar, ficava lá dançando sozinho e voltada para casa triste"*. Já a entrevistada 2, deixa perceptível o conservadorismo da época para com as moças, ao apresentar uma resposta diferente a pergunta quanto a insatisfação perante a festa, ela descreve: *"Eu só ficava insatisfeita porque eu tinha hora de vim embora. Nove, dez horas meus pais diziam "olhe nesse horário vocês estejam em casa. E... só isso que me incomodava"*.

Apesar dessas limitações, a festa é classificada como uma época muito feliz, de diversão saudável. Por exemplo, existem muitas comparações dentro dos relatos entre a antiga e atual festa e o que se repete com frequência é o tema da violência, sendo classificado o período dos anos 90 como muito mais segura que os dias atuais. Eles atribuem essa questão a ausência de drogas explícitas no período, a menos porcentagens de bebidas entre os jovens e a intenções de diversões mais sadias.

Pensando nessa questão, foi feita uma pesquisa, de caráter quantitativo, para saber se a questão da violência foi determinante para que as pessoas deixassem de frequentar os eventos. Para isso a pesquisa foi direcionada a 17 pessoas, que tinham entre dez a trinta anos no período, chegando ao seguinte resultado:

Você frequentava a festa de reis entre os anos de 1990-1999?

17 respostas

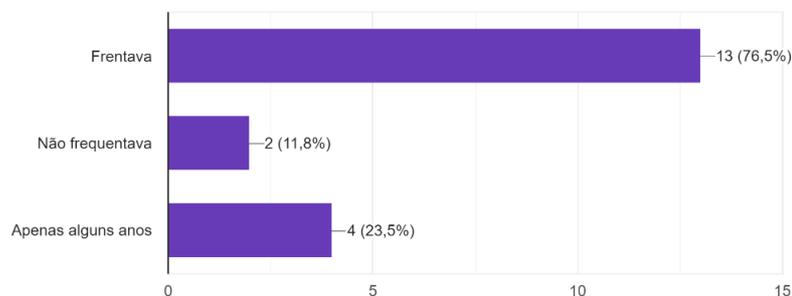


Figura 2 - dados coletados pelo google forms.

Você ainda frequenta a tradicional festa de reis de São Domingos?

17 respostas

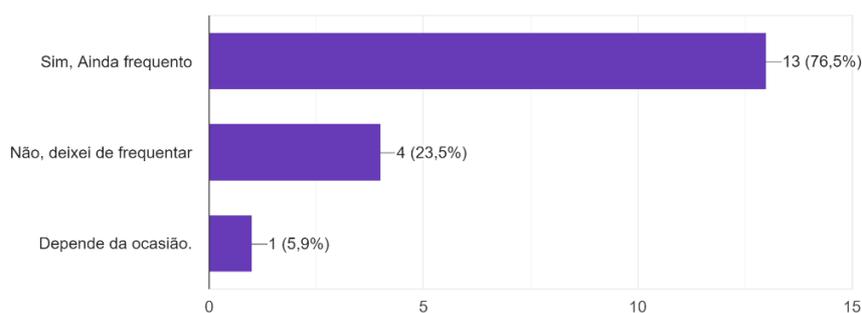


Figura 3 - dados coletados pelo google forms.

Diante dos resultados, é possível notar que a questão da maior violência não é determinante para que essas pessoas deixassem de frequentar a tradicional festa de reis de São Domingos, mantendo-se a personalidade festiva da população ativa, que ainda são movidos pela alegria de festejar e pelo desejo de manter essa cultura ativa. Isso fica marcante na manutenção da tradicional Festa de Reis, assim como em outras tradições festivas, como a Festa do Padroeiro de São Domingos.

## 2 – SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO, SANTO PADROEIRO.

A característica festiva do povo de São Domingos, também está presente na manifestação da sua fé perante ao padroeiro que dá nome a cidade: São Domingos de Gusmão. Ainda quando a cidade era um povoado, conhecido como Feira da Pindoba, os primeiros

moradores tinham em seus oratórios seus santos de devoção, não havendo a conclusão de um padroeiro em comum, pois cada um defendia a importância do seu. Até que chegaram à seguinte conclusão de definir o santo São Domingos de Gusmão como padroeiro dessa terra. Para entender a relação da região a São Domingos de Gusmão, é preciso voltar as primeiras povoações na região, antes mesmo da criação da vila.

Assim como na colonização do Brasil, a igreja católica teve importante participação no povoamento que daria início ao tabuleiro de São Domingos, às margens do Rio Vaza-Barris, nas delimitações da chamada fazenda Uberaba. Foi através da congregação de São Domingos (Dominicanos), que foram formadas as primeiras povoações naquela região. Dessa forma, é esse aspecto de povoamento inicial que marca a decisão pela escolha do santo como padroeiro anos depois, como narra o autor Humberto Fonseca “*Se esta comunidade é nas terras de São Domingos, o padroeiro deve ser o dono da terra*”. Dessa forma, o desejo foi passado para o vigário de Campo do Brito, que logo demonstrou interesse e trouxe a imagem do santo, vinda de São Cristóvão, sendo um dia de muita alegria:

(...) no dia que a imagem veio para o povoado, foi um dia de muita festa, a imagem saiu de Campo do Brito em uma tarde acompanhada por muitos religiosos, os quais vinham a pé e soltando os tradicionais foguetes e daqui saiu um acompanhamento com os zabumbeiros e tocadores de pífanos.

Logo que se reconhece a importância dos Dominicanos para o processo de formação dessa região, torna-se importante conhecer seu ordenamento, vindo da trajetória de fé cristã de seu fundador, o próprio Domingos de Gusmão. Para tanto, também é preciso refletir, quem foi esse, que hoje é conhecido como padroeiro?

Domingos nasceu em Caleruega, na Espanha, em 1170. Consequentemente, viveu em época de reconquista, em que cristãos travavam uma luta de fé contra mulçumanos. Também viveu o período da alta idade média, em que a igreja já havia se instaurado como uma potência socioeconômica e a mais influente instituição em toda Europa, sendo dona de inestimáveis posses e privilégios. Diante de tamanho poder, seria praticamente impossível seguir o catolicismo primitivo, vigente entre os séculos I a parte do IV, tendo início na ressurreição de Cristo. Nesse período, os fiéis usufruíam de seus bens em conjunto e haviam coletividade, partilha de posse e uma vida comunal. Após as invasões bárbaras e a decadência do Império Romano, a Igreja converteu-se na única força espiritual e cultural da Europa, ganhando poder e perdendo sua essência primitiva. É nesse cenário que vive Domingos de Gusmão, que era

filho de senhor feudal, com vocação para vida religiosa. Para ele não bastava um título religioso, pois acreditava que o evangelho devia ser propagado, e para isso abdicou de seus bens e privilégios, acreditava que deveria ser pobre, entre os pobres. Domingos aderiu ao radicalismo católico da pobreza mendicante, rompendo com a ordem medieval, com a tradição feudal e com a mentalidade hierárquica, abdicando dos seus títulos. O autor Gustavo Gutiérrez, descreve o sentido da sua opção pelos pobres

(...) em última instância, uma opção pelo Deus do Reino que Jesus nos anuncia... O motivo último do compromisso com os pobres e oprimidos não está na análise social... baseia-se fundamentalmente no Deus da nossa fé. É uma opção teocêntrica e profética que mergulha suas raízes na gratuidade do amor de Deus e é por ela exigida. (Gutierrez, 1988, p. 27).

Essa explicação define que a opção de Domingos não foi uma crítica a instituição, mas uma escolha de aproximação pessoal com Deus. Nesse sentido, ele vive por doze anos uma pobreza pessoal, até que em 1215 ele dá início a comunidade dos frades pregadores, que ficaria posteriormente conhecidos como Dominicanos, para isso recebe a aprovação do Papa Inocêncio III. Assim Domingos dedica todo o resto de sua vida a pregação do evangelho, a vida de mendicância dentro da sua ordem, sendo um verdadeiro servo de Deus e inovador nos costumes, estando além do seu tempo.

### **2.3- PROCISSÃO DE SÃO DOMINGOS**

A herança de São Domingos de Gusmão atravessou séculos, sendo mantida pela ordem dos Dominicanos. Esses que contribuíram para a futura formação dessa cidade, sendo figuras marcantes para a posterior escolha do padroeiro, tradicionalmente celebrado ano após ano, no mês Agosto, com variação de datas, até chegar ao tradicional 8 de agosto, que permanece até os dias atuais. Esse evento ficou conhecido como festa do padroeiro de São Domingos de Gusmão, uma celebração festiva, com duração de nove dias, em homenagem ao padroeiro da cidade, sendo responsável por atrair muitos fiéis, que celebram a devoção ao santo Domingos de Gusmão. O pároco da paróquia de Campo do Brito<sup>6</sup>, Padre Renato Gomes de Lima,

---

<sup>6</sup> A paróquia de Campo do Brito esteve à frente das necessidades religiosas da comunidade católica de São Domingos até 14 de março de 2006, quando foi formada a paróquia de São Domingos de Gusmão, agora independente.

responsável pelas atividades religiosas do município de São Domingos entre o período de 1991 a 1997, trata de descrever como ocorriam as festividades na década de noventa:

Aos 30 deu início do novenário de São Domingos de Gusmão, dia 7 celebração do sacramento da santa crisma em São Domingos pelo Bispo auxiliar Dom João Maria Messe e no dia 8 a festa de São Domingos missa solene as 10 horas celebrado pelo Pe. Valtervau Correia Cruz e a tarde consagração e procissão encerrando com a benção do santíssimo sacramento (GOMES, 1994, p. 22).

O dia de maior participação dos fiéis ocorre no dia 8 de agosto, dia em que é realizada a tão esperada procissão de São Domingos de Gusmão, realizada após os nove dias de celebração das santas missas em homenagem ao santo padroeiro. Antes da procissão os fiéis concentram-se na praça José Mecenas Filho (figura3), mais conhecida popularmente como praça da igreja, para aguardar a saída da procissão que circulará pelas principais ruas da cidade. Igreja essa que foi construída na década de 70 sobre as seguintes condições:

A construção da matriz envolve uma disputa entre os fiéis que começam a erguer duas igrejas, a de São Domingos de Gusmão, na praça da escola rural e a de Nossa Senhora do Amparo, ao lado da câmara dos vereadores, na Rua do Brito. A rivalidade foi rompida com a conclusão da igreja da praça que foi adotada como matriz. (SOUZA, 2021, p. 10).

Na figura abaixo é possível visualizar ao fundo a estrutura dessa igreja, já consolidada na década de noventa e os fiéis concentrados à sua frente. Enquanto a figura 4 mostra a saída do Santo da praça da igreja, para percorrer as ruas da cidade, em procissão junto aos fiéis.



Figura 4- concentração de fiéis para saída da procissão de São Domingos de Gusmão - 1992.

Essa festa conta com a presença de devotos, da comunidade local, autoridades da região e regiões circunvizinhas, comunidade escolar, funcionários públicos, grupos formados na comunidade religiosa, entre outros. Dentre esses há também a presença de muitos jovens (figura 5). É a partir do olhar destes que passaremos a entender e descrever esse evento tão importante para a comunidade São-dominguense.



Figura 5 - Saída da procissão de São Domingos de Gusmão - 1992



Figura 6 - jovens na procissão de 1992.

Na figura acima é possível notar a presença de três jovens uniformizados, dentre muitos ali presente, acompanhando a procissão do padroeiro do ano de 1992. Esses eram membro do grupo de jovens, que atuava na organização do evento. Dentre eles, ao lado esquerdo da imagem, está Adenilde Alves da Fonseca, com dezessete anos de idade. Ela descreve que a

participação dos jovens na festa do padroeiro era muito forte, eles atuavam diretamente tanto na organização da procissão, quanto nos novenários:

Era uma expectativa que passava o ano inteiro né? A gente já se programava, principalmente pra fazer a novena dos jovens. A gente fazia eventos, algumas dublagens, pra arrecadar dinheiro, pra que a gente pudesse fazer uma ornamentação bem bonita na igreja, comprar flores... Iai a gente também se preparava em coral, pra cantar na noite, não só na noite como também no dia festivo a São Domingos e os jovens tinham participação em tudo. E4, (48ª, Confeiteira).

Essa novena dos jovens, descrita acima, acontecia no segundo dia dos novenários, pois cada dia era destinado a um público da comunidade religiosa da cidade, como novena das crianças, novena dos funcionários públicos, novena dos idosos, entre outras. Nesses nove dias estavam ali os jovens da comunidade católica de São Domingos, dedicando-se aos trabalhos de ornamentação e organização do evento, em especial ao dia destinado ao público do qual eles faziam parte. Essa participação ativa formava um laço de amizade entre eles, tornando ainda mais forte o desejo de estar ali presente e atuante, como descreve a entrevistada: *“era uma das festas que a gente sentia mais prazer em participar e aquele amor que a gente tinha em servir né, e viver aquele momento, que era em comemoração ao nosso padroeiro”*.

Ainda dentro dessa sequência de eventos em comemoração a festa de São Domingos de Gusmão, havia uma noite muito especial entre a comunidade religiosa e público em geral. Era a novena dos motoristas, que acontecia no segundo sábado do novenário. Essa novena chamava atenção do público em geral, pois havia uma procissão de carros e caminhões vinda da entrada da cidade, trazendo a imagem do santo padroeiro até a praça da matriz, para a realização da santa missa. Era uma belíssima noite festiva, com grande presença do público em geral, participação fervorosa dos caminhoneiros da região e do público jovem, que estavam ali para ver a queima de fogos, para passear pela principal avenida da cidade em cima de caminhões e para algo muito convidativo após a novena, os bailes de salões, também conhecido na cidade como dicotecas.

Então a gente tinha aquela expectativa porque tanto na igreja a gente vivia aquele momento, como também na cidade tinha sempre algum evento né, que a gente podia se divertir. A gente primeiro participava da religiosidade, depois a gente ia se divertir. E4, (48ª, Confeiteira).

Indo do sagrado ao profano, os jovens da cidade de São Domingos, como descreve a entrevistada, se dedicavam aos trabalhos dentro das festividades religiosa, para que depois pudessem, após a novena do sábado a noite, “embarcar” nas diversões dentro das discotecas da

cidade, mantendo essa transição entre dois polos de festividades, que é marcante na cidade: o sagrado e o profano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a cultura festiva da cidade de São Domingos, foi possível perceber que ela esteve existente desde os primeiros passos para o desenvolvimento da cidade, estando presente, inclusive, no seu processo de inicial de desenvolvimento, quando em mutirão para a construções das casas de Taipa, a população se pôs a celebrar a Festa de Reis pela primeira vez, no ano de 1926. Alguns anos depois, veio a manifestar nessa população o desejo de celebrar o seu caráter festivo além das expressões profanas, isto é, festejar sua devoção ao santo padroeiro que deu nome à cidade: São Domingos de Gusmão. Em todo esse processo, esteve presente a participação jovem, a qual esse trabalho se pôs a entender. Então foi a partir do olhar dos jovens que foi possível ter uma caracterização da cultura festiva de São Domingos, em especial aos anos entre 1990-1999.

Para entender esse contexto, foi preciso compreender essas manifestações como expressões culturais daquele povo, formadora de uma identidade local, isto é, de um povo que se dispõe a manter essas celebrações vivas, demonstrando o quanto são festivos, alegres e celebrantes, tanto no caráter profano ou sagrado. Então esse estudo buscou interpretar essas festas a partir da história cultural, que busca conhecer e estudar modos de vida e expressões de um povo, como definido anteriormente.

Para o desenvolvimento desse artigo foi necessário o afastamento da história tradicional positivista, que dá ênfase aos grandes nomes de uma época. Para tanto, nesse trabalho buscou-se estudar a partir das novas tendências historiográficas. Nesse caso, o público contribuinte para o estudo realizado são pessoas comuns, de cotidianos e vidas comuns, que viveram na prática o período estudado, quando ainda eram jovens. Esses deram grande contribuição a construção da pesquisa, deixando expressar seus sentimentos de saudosismo e de carinho ao que eles classificaram como uma época feliz, de essência simples, mas de segurança e de diversões saudáveis.

Como resultado, essa pesquisa trouxe a caracterização das principais festividades da cidade de São Domingos, as tradicionais Festa de Reis e Festa do Padroeiro, realizadas, em ordem, no mês de janeiro e agosto. Foi um trabalho realizado a partir do estudo de um grupo específico, que pôde dar uma dimensão de um contexto maior, como a formação da cidade no ano de 1924 e até as primeiras povoações com a participação da ordem dos Dominicanos, que posteriormente influenciaria na escolha do padroeiro do local.

É importante reconhecer o desenvolvimento desse trabalho como contribuinte para o conhecimento da característica cultural dessa região, visto que os estudos voltados para a história local de São Domingos são muito limitados. Há a intenção que ele seja de acesso a todos, seja o público geral ou acadêmico, podendo até servir de ponte para outras pesquisas, que também contribuirão para o conhecimento dessa terra querida.

## **FONTES:**

Livro de Tombo: paróquia de Nossa Senhora da Boa Hora, Campo do Brito.

Fotografias de acervo pessoal.

Vídeo: Procissão de São Domingos 1992.

Entrevistas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: Histórias Dentro da História. In: BASSA, N. Pinsky. Fontes históricas. 2. Ed. São Paulo: Editora contexto, 2006.

BURKE, Peter. O que é História Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

FONSECA, S. Fonseca. Curiosidades do Nosso Povo: São Domingos até 1999. Gráfica e editora Royal. São Domingos, 1999.

LUCA, Tânia Regia de. Prática de Pesquisa em História. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

SANTOS, José Luiz. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006.

THAI-HOP, Pablo. Domingos de Gusmão e a opção pelos pobres. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

## **REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS**

CORRÊA, Carlos Humberto. A Presidência de Província no Império. In: ANPUH –SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXII, 2003, João Pessoa. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anaisimposios/pdf/201901/1548177544\\_8c8ca834f207348bdb4c62c86b3b96ed.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anaisimposios/pdf/201901/1548177544_8c8ca834f207348bdb4c62c86b3b96ed.pdf)>

JESUS, Giclecio Souza De. De encruzilhada a município: A origem, o crescimento e a história de São Domingos, Sergipe. UFS. São Domingos, 2021.

PERGO, Vera Lucia. Os Rituais na Folia de Reis: uma das festas populares brasileiras. In:

## **ENTREVISTADOS**

E1, (67a, Aposentado).

E2, (51a Pedagoga).

E3, (47a, Motorista).

E4, (48<sup>a</sup>, Confeiteira).